



CAP-UERJ

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA

Disciplina: Língua Portuguesa (Produção Textual)

Coord.:

Turma:

Professora: Angélica Castilho

Aluno(a): \_\_\_\_\_ nº.: \_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2023

UNIDADE 12: artigo de opinião; leitura e interpretação; produção textual; normas e usos linguísticos.

TEXTO 1

## Proibido para “coroas”

ARNALDO NISKIER

Vivemos todo tipo de preconceito. De cor, status social, sexo, religião e até um discreto deboche contra os baixinhos. Agora, parece que se arma no horizonte uma animosidade contra os mais velhos, que costumamos chamar carinhosamente de “coroas”.

Isso se revela exatamente onde o mundo demonstra os maiores avanços científico-tecnológicos, que é o campo da tecnologia da informação (TI), nos países desenvolvidos.

Fomos surpreendidos com a informação de que jovens de 13 a 17 anos demonstram os primeiros sinais de cansaço em relação ao uso do Facebook, notável criação de Mark Zuckerberg, hoje com mais de 1 bilhão de usuários. A explicação é muito simples: “Os ‘coroas’ estão dominando a tecnologia. Se eles querem, devemos sair para outra.”

É claro que já existe a alternativa. Trata-se do Snapchat, utilizado para o envio de vídeos e imagens em geral que desaparecem instantes após ser vistos. Na verdade, os jovens se encantam por um grande número de aplicativos, como o WhatsApp, o Instagram (em grande progresso), o Vine (mensagens de seis segundos, comprado pelo Twitter), o Ask.fm (perguntas e respostas) e o Tumblr, que é um siste-

Alunos devem complementar seus estudos com informações disponíveis na internet, mas em casa. Em sala de aula, os professores são insubstituíveis

ma de blog para enviar textos, imagens e vídeos que podem ser republicados por outros usuários.

Como se vê, a variedade é grande e inestancável para a fértil e lucrativa criatividade dos grandes cientistas. É natural, pois, que os aplicativos sejam substituídos por outros mais modernos — e, com isso, a garotada se diverte, ampliando o uso das maquininhas.

Os idosos são mais conservadores. Eles gostam de fazer as suas refeições familiares sem o emprego concomitante dos incríveis tablets e celulares. Os jovens, mesmo contrariando a orientação dos pais, dividem suas atenções durante almoços e jantares, apertando as teclas entre uma garfada e outra. As broncas são comuns, pois o fenômeno altera os procedimentos da família. Os diálogos têm ficado escassos, senão nulos com essas novidades das redes sociais.

O tema chegou às escolas. Em muitas delas, a direção proíbe o uso

dos celulares em sala de aula, a fim de não desviar a atenção das explicações insubstituíveis dadas pelos professores. Os conhecimentos que podem ser hauridos do Google, por exemplo, para enriquecer o conteúdo das aulas devem, sim, ser colhidos, mas em casa, nas horas destinadas aos estudos.

Em sala de aula, não pode haver competição com os professores. Escolas famosas como a de Harvard passam deveres que eventualmente requerem recursos on-line, mas, em sala, os mestres usam o tempo nas explicações concernentes.

Assim se cria uma nova harmonia na relação ensino/aprendizagem. As aulas lineares e sequenciais ganham contornos mais modernos e proveitosos.

Voltando ao Facebook, um indiscutível sucesso, inclusive de faturamento com os pródigos anúncios, não há que se estranhar que os jovens comecem a se cansar do seu uso indiscriminado, buscando alternativas. Essa inquietação é própria da idade. E é certo que o ciclo de vida das redes sociais tem limitações. É natural que se busquem inovações.

ARNALDO NISKIER, 78, doutor em educação, é membro da Academia Brasileira de Letras, presidente do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) no Rio de Janeiro e autor de “Educação Limpa”

## TEXTO 2

### A FALTA DE LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DOS BRASILEIROS

Brasil ocupa a 36ª posição no ranking global de inclusão digital

Leandro Herrera, fundador e CEO da Tera  
23 mar 2022 - 08h 55

A alfabetização digital é a habilidade de usar tecnologias para encontrar e transmitir informação. É ter as competências cognitivas e técnicas para navegar no ambiente digital de forma segura e ágil, sabendo analisar e criar conteúdo encontrado neste espaço. Em 2021, uma pesquisa da The Economist e do Facebook mostrou que o Brasil ocupa a 36ª posição no ranking global de inclusão digital. A lista avalia o acesso de um país à internet considerando disponibilidade, preços, relevância e capacidade de uso das pessoas, que mede o nível de educação e preparação para usar a Internet. O alarmante é que o que mais prejudica o avanço da inclusão digital no Brasil é justamente essa última questão, assim como aceitação cultural e políticas de apoio. Neste quesito, o país ocupa a 69ª posição.

Os prejuízos desse cenário são diversos. Hoje, estamos vivenciando uma reconfiguração social a partir das mudanças que a evolução da tecnologia traz cada vez mais para o nosso cotidiano. Por fatores sociais, econômicos e políticos, em alguns países, ele ocorre de forma mais lenta, em outros mais rápido. Cedo ou tarde, é um processo que o mundo todo sofrerá, passando por interferências irreversíveis na organização de suas relações. Quem não puder acompanhar o ritmo dessas mudanças e tomar sua parte nelas poderá ficar à margem dessa sociedade e, conseqüentemente, das tomadas de decisão que resultam de quem tem domínio das ferramentas digitais.

Em relação ao processo de inclusão digital, a educação apresenta grande responsabilidade. Há a necessidade de uma reformulação ampla do cenário educacional – o que implica repensar a formação dos profissionais, a estrutura física das escolas, a proposta pedagógica, políticas educacionais, entre outros quesitos que precisam ser modificados para atender a essa nova demanda de formação.

Por outro lado, crianças e adolescentes não são o único grupo vulnerável aos prejuízos da falta de instrução digital. Muitos idosos ainda são excluídos digitalmente no país. De acordo com um levantamento de 2020, realizado pelo SESC São Paulo e pela Fundação Perseu Abramo, apenas 19% da população acima de 60 anos usa a internet no dia a dia, enquanto 72% nunca utilizou um aplicativo. Sendo assim, é preciso pensar soluções que os contemplem também, uma vez que esses recursos são fundamentais para que elas tenham mais autonomia e independência.

No cotidiano, por exemplo, uma pessoa idosa que não consegue resolver suas contas e problemas financeiros por aplicativos tem que ir até o banco presencialmente. O mesmo pode acontecer quando falamos de compras de mercado, locomoção na cidade e, até mesmo, atividades de lazer — situações de rotina que hoje são facilitadas pelo digital. Pessoas em extremos etários não têm a força ou o controle para ir e voltar do mercado com suas compras sozinhas ou passar horas em transporte público. Com plataformas mais acessíveis, elas poderiam resolver seus compromissos com um ou alguns cliques. Junto a isso, eventos e encontros de lazer já passaram a ser combinados e divulgados estritamente pelo meio online. E se a nossa população idosa pudesse garantir um lado tão importante pro seu bem-estar de forma prática e frequente como todos nós?

Em um mundo em que há uma gama cada vez maior de informações circulando e em que as tecnologias passaram a fazer parte de praticamente todas as instâncias de nossas vidas, a falta de letramento digital afasta as pessoas tanto do seu bem-estar econômico quanto social. Habilidades e competências digitais são amplamente exigidas no mercado de trabalho, já que a tecnologia se tornou essencial para que empresas de todos os setores se mantenham competitivas. Sendo assim, mais do que conhecer ferramentas, as pessoas precisam saber quais são as portas que estão abrindo e como utilizá-las em prol do conhecimento e informação de qualidade. Se não soubermos nos guiar nesse lugar infinito de informação, não conseguiremos usar todo o potencial da tecnologia de forma efetiva para criar mudanças, tanto em nossas próprias vidas como na dos outros.

(TEXTO ADAPTADO. iro de 2014. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/colunas/Lifelong-Learning/noticia/2022/03/falta-de-letramento-digital-na-educacao-dos-brasileiros.html>>. Acesso em: 16 ago. 2023.)

### **PROPOSTA DE ESCRITA:**

A partir do texto lido e em diálogo com ele (por meio de citações diretas e/ou indiretas), apresente seu ponto de vista sobre *a relação entre etarismo, letramento digital e integração social* em um artigo de opinião.

Busque informações sobre o tema além do texto oferecido como coletânea para desenvolver seus argumentos. Utilize linguagem formal.

Mínimo de 30 linhas, máximo de 40 linhas.

Dê um título para seu texto.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> </a><br /><span xmlns:dct="http://purl.org/dc/terms/" property="dct:title">Produção textual: etarismo, letramento digital e inclusão social</span> de <span xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" property="cc:attributionName">ANGÉLICA DE OLIVEIRA CASTILHO PEREIRA</span> está licenciado com uma Licença <a rel="license" href="http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/">Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional</a>.

Título: Produção textual: etarismo, letramento digital e inclusão social.

Use este link para compartilhar ou citar este material: